

DA MINHA CASA ATÉ A ESCOLA: ENCONTROS ENTRE GEOGRAFIA E LÍNGUA PORTUGUESA

Leandro Mendes Nogueira

Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

E-mail: leandromenog@hotmail.com

Beatriz Barbosa de Jesus Renaud

Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, SP

E-mail: beatrizb.06@hotmail.com

Introdução

Durante o transcurso da pandemia do Covid-19, muitos educandos e educadores estiveram isolados em suas casas. O vazio e o silêncio tomaram conta de nossas ruas, escolas, dos espaços de lazer, e dos espaços coletivos em geral, lugares esses que nos permitiam a convivência com o outro e o exercício da sociabilidade. Esse isolamento nos impossibilitou do encontro físico com os amigos e familiares, que muitas vezes se deu de forma virtual.

Os fatos relativos à experiência de vida de nossos alunos ou da vida de outras pessoas e de outros lugares para que entendêssemos melhor a realidade cotidiana foram se alterando. Observa-se, dessa forma, uma modificação nas experiências de vida não somente de nossos alunos, mas da sociedade como um todo, afetando diretamente nosso entendimento sobre a realidade. Restrito às nossas casas, grande parte do nosso contato com o mundo se fazia pela tela digital do celular, do computador ou da televisão. Ainda que esses meios oferecessem possibilidades enriquecedoras de pensarmos nossas conexões com o outro e o mundo, um exercício de observação mais atento de nossa casa poderia abrir outras oportunidades para obter informações e saberes poucos trabalhados. Já exercitou olhar da sua janela para ver o mundo que o cerca? Para Mário Quintana (2005, p.40), "Quando abro a cada manhã a janela do meu quarto é como se abrisse o mesmo livro numa página nova". Assim como a janela do quarto desse grande poeta abriu inspirações para seus escritos, o mesmo poderia ser exercitado com os nossos alunos para observar o mundo que se abre através de uma janela.

Foi nesse contexto, de muitos desafios, que reinventamos nossas aulas. O relato a seguir trata de uma experiência desenvolvida com alunos do sexto ano do ensino fundamental II na cidade de São Paulo, nas aulas de Geografia e Língua Portuguesa, buscando aproximá-los da realidade em que vivem e, ao mesmo tempo, conectando conceitos científicos dessas duas áreas do conhecimento. Desse modo, esse trabalho se inicia com o desenvolvimento de uma observação mais atenta da paisagem que se vê pela janela da casa e avança, na medida em que os alunos retornam às atividades presenciais na escola, para uma análise do percurso casa-escola e arredores da escola.

Metodologia

Para esse trabalho utilizamos a metodologia de análise dos percursos urbanos e a metodologia dialética em sala de aula. Os percursos urbanos constituem uma metodologia que visa a compreensão do espaço de vivência cotidiana, onde podemos analisar com mais atenção a materialidade e as relações sociais e ao mesmo tempo desenvolver conexões entre consciência, espaço e lugar (RICO; COELHO & GOUVEIA, 2019). Já a metodologia dialética coloca o aluno como sujeito participante da construção do conhecimento. Essa construção ocorre através de três importantes momentos do trabalho pedagógico: mobilização para o conhecimento, construção do conhecimento e elaboração da síntese do conhecimento (VASCONCELLOS, 1992). A seguir, relatamos o desenvolvimento desse projeto.

Primeira etapa (momento inicial e mobilização para o conhecimento)

O fio condutor dessa experiência partiu da obra literária “Da minha janela”, de Otávio Júnior (2019). Nas aulas de Língua Portuguesa, após uma pesquisa em sala sobre o tema favelas (desde origem do nome, evolução histórica e como entendemos esse conceito hoje), os alunos conheceram um pouco sobre a trajetória do autor, que cresceu em uma favela e, finalmente, partiram para a leitura da obra. O conhecimento prévio de temas pertinentes ao livro foi de extrema importância para a qualidade da leitura.

Selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos, os alunos foram convidados a fazer uma leitura coletiva, em primeiro momento, seguida de uma discussão que visava compartilhar olhares, ou seja, um momento em que cada um contribuía com suas percepções sobre o que observou durante a leitura.

Assim, fizemos a leitura compartilhada da obra, que se caracteriza por uma riqueza e um cuidado no tratamento das imagens e na descrição de uma favela do Rio de Janeiro através de uma janela. Imagens noturnas, diurnas, pássaros, cores, pinturas na parede, crianças se refrescando em uma piscina, pessoas que consertam suas casas, foram algumas das muitas imagens que os alunos conseguiram observar. Em todas, é marcante o sentimento da alegria e a sensação de simplicidade. Qualidades essas que também tivemos que reinventar durante o período da pandemia.

Nas aulas de Geografia, utilizamos o filme “Koyaanisqatsi – Uma vida fora de equilíbrio”, de Godfrey Reggio (1982), como um recurso didático inicial e mobilizador para o conhecimento. O filme não possui nenhum diálogo. Sua narrativa se desenvolve através de imagens e música, mostrando cidades e paisagens naturais. Analisamos alguns trechos do filme. Para cada trecho, os alunos faziam anotações no caderno dos elementos sociais e elementos naturais que apareciam nas imagens. Fazíamos uma reflexão conjunta ao final de cada trecho, que também era colocada na lousa.

Na primeira parte do filme, observamos o predomínio dos elementos naturais e suas primeiras transformações pelos seres humanos. Na segunda parte, já ocorre o predomínio dos elementos sociais e, posteriormente, sua destruição para dar lugar ao novo. Na terceira e última parte, permanece o predomínio dos elementos sociais, destacando a vida moderna nas grandes cidades, as tecnologias e as indústrias.

No final da exposição, fizemos uma análise geral do filme, evidenciando as transformações da sociedade no espaço natural ao longo da história. Os aspectos que compõem a arte cinematográfica (sons, música, enquadramento, narrativa e outros) também foram analisados pelos alunos, com a intenção de desenvolver uma capacidade criativa e autônoma de leitura intelectual e sensível do filme.

Posteriormente, realizamos uma atividade de observação com os alunos, aproveitando o espaço da casa de cada um como elemento fundamental de aprendizado. Com uma câmera, eles deveriam tirar, do mesmo local, duas ou mais fotos da paisagem que viam da janela da sua casa, mas em momentos diferentes. Posteriormente, a partir da observação dessas fotos, fariam um registro no caderno das diferenças e semelhanças entre uma fotografia e outra. Compartilhamos as observações, verificando a dinamicidade das paisagens. Além disso, os alunos foram estimulados a falar de outros elementos da paisagem que vão além da imagem em si, como odores e sons, percebidas por eles na realização da atividade.

Segunda etapa (construção do conhecimento)

À medida que a primeira etapa foi avançando, íamos desenvolvendo os conceitos geográficos de “lugar”, “paisagem” e “espaço geográfico”. Para essa construção, utilizamos fotografias de diferentes sociedades, lugares e momentos históricos, observando as transformações nessas paisagens, pela ação humana ou da natureza. Aproveitando os recursos cartográficos, analisamos através do aplicativo “Google Earth” imagens de satélite de diferentes momentos da região da escola, o que nos permitiu observar as transformações ocorridas nesse espaço. Nessa etapa, os alunos haviam internalizado os conceitos e eram capazes de produzir uma análise mais atenta e complexa.

Foram desenvolvidas também estratégias de leitura. Durante o processo, foi realizada uma análise não somente do texto verbal, mas principalmente do texto visual, promovendo uma leitura reflexiva das imagens. Respeitando os turnos de fala e o ponto de vista do outro, foi possível elevar o nível de entendimento da obra.

Terceira etapa (proposta de trabalho e síntese)

A proposta de trabalho para os alunos foi dividida em três partes, elencadas a seguir.

Parte I: Faça uma observação atenta do trajeto da sua casa até a escola por um período de cinco dias. Durante esses dias, procure não fazer uso do celular e se atente ao seu percurso. Analise os elementos sociais (as casas, condição das ruas, calçadas, comércio etc.) e a presença de elementos naturais (árvores, espaços verdes etc.) e, no último dia de observação, responda às perguntas que compõem o questionário de observação. Os maiores detalhes dessa análise estavam presentes no questionário.

Parte II: Tire fotos ou produza um vídeo do trajeto de sua casa para escola. Você pode utilizar os recursos audiovisuais (luz, som, imagem etc.) que foram analisados nas aulas de Geografia, através do filme "Koyaanisqatsi – Uma vida fora de equilíbrio", de Godfrey Reggio (1983).

Parte III: Produção de um relatório de observação. Escreva um texto relatando um pouco de como foi essa experiência, suas sensações, sentimentos e percepções, utilizando os conceitos geográficos de “lugar” e “paisagem”. Nesse relatório propusemos as seguintes questões para aprofundar a análise do trajeto: 1) Como você se sentiu durante esses dias de observação? 2) Quais os lugares você mais se conecta, aos quais se sentem pertencentes e familiares? 3) Há algo em seu trajeto que você nunca havia percebido antes? 4) O que mais

te chamou a atenção durante esses dias? 5) Mais alguém participou com você desse momento de observação? 6) O que vocês puderam observar? 7) Você acha que aprendeu algo novo nesse período? 8) Qual foi a parte mais interessante desse tempo de análise do trajeto?

Resultados

A partir da análise dos questionários e relatórios, observa-se que cada educando, dentro de sua individualidade, foi tocado de uma maneira diferente com a mesma proposta. Reflexões sobre a evolução do bairro, sobre como os sentimentos podem interferir na qualidade da observação, sobre proporcionar um tempo de qualidade com parentes próximos e sobre como é importante ter um olhar atento (especialmente em um momento em que a tecnologia é tão presente no cotidiano das crianças) podem ser observadas em alguns comentários:

Um bairro sofre várias transformações ao longo do tempo e eu tenho certeza que no passado o bairro da Vila Formosa era muito diferente do que hoje em dia, mas como será que o mesmo lugar vai ficar daqui a alguns anos? Isso depende da população e da decisão dela ao longo do tempo. Tudo depende da ação humana, foi assim que as primeiras cidades surgiram e é assim que elas evoluíram. (Aluno A).

Eu e minha mãe observamos o trajeto juntas, assim ela me ajudava a analisar o caminho da minha casa até a escola. Durante esse período eu percebi que dependendo de como eu estava me sentindo no dia, eu não conseguia prestar atenção em muitos detalhes, por exemplo, quando eu estava mais alegre eu conseguia reparar melhor no trajeto até a escola. (Aluna B).

Eu achei incrivelmente interessante todas as partes desse trabalho, mas a parte que eu gostei muito foi quando, eu e meus pais me ajudaram a tirar fotos, porque fazia um pouco de tempo que eu e meus pais não íamos a pé para voltar para casa, por isso fiquei muito feliz com essa parte do trabalho. (Aluno C).

Meu pai foi meu fiel parceiro nessa atividade, porque ele ficou desde o início observando tudo. Eu aprendi que às vezes a gente presta atenção em coisas bobas como por exemplo o celular e acaba não olhando ao seu redor. (Aluna D).

Com relação ao material audiovisual produzido, notamos também o exercício de diferentes olhares ao longo do trajeto, a valorização de lugares que gostavam, os principais problemas urbanos (como buracos e lixo nas ruas e calçadas), as obras da estação de metrô na rua da escola, o fluxo de pessoas e carros nas ruas, comparação entre casas antigas e

prédios modernos, comércio e pontos de ônibus foram algumas das observações realizadas pelos alunos. Os aspectos artísticos da produção cinematográfica foram utilizados na elaboração dos vídeos, tecendo uma narrativa que demonstrava o potencial criativo e sensível dos alunos na observação do trajeto.

Considerações finais

Ao longo desse trabalho, notamos uma grande potencialidade de aplicação desse projeto em todo o processo educativo, porque permitiu uma melhor articulação entre a teoria e a prática, além de possibilitar que o próprio aluno a partir da sua casa, do seu trajeto, de sua observação/descrição e organização do material elaborado conseguisse representar a sua percepção da cidade/realidade em que vive. O que proporcionou uma conexão entre o conhecimento cotidiano e o conhecimento científico.

Diferente da geografia dita tradicional, esse procedimento possibilitou aos educandos serem sujeitos/protagonistas na construção do conhecimento, o que permitiu a posteriori a produção de materiais diversos (textos, mapas, audiovisual etc.). Pensando em diferentes experiências de práticas (mapa mental, mapas, croqui, desenhos etc.), esse procedimento pode ser articulado a uma análise mais aprofundada dos espaços vividos pelos educandos.

A metodologia de análise dos percursos urbanos tem um enorme potencial de aplicabilidade no ensino básico, por meio da compreensão da vida urbana, seus lugares de vivência e de circulação, bem como suas contradições. O lugar é o espaço de reprodução da vida cotidiana e, no geral, não temos uma compreensão profunda das relações sociais e espaciais que são construídas em nosso entorno e para além dessa escala. Nossa consciência tende a uma análise superficial da vida cotidiana e dos lugares que habitamos e circulamos.

É preciso entender que a reprodução da sociedade no espaço geográfico é ao mesmo tempo a “reprodução do modo de produção capitalista, que conquistou a vida cotidiana, a cidade, o urbano e o espaço da vida. Podemos entender a reprodução nos atos da vida cotidiana, e é aí que a teoria ganha consistência, na prática” (PÁDUA, 2019, p.479). Desse modo, a realidade e a sua contextualização através do espaço urbano e das práticas urbanas nos permitem compreender o mundo contemporâneo e a sua fragmentação, compreender o movimento da própria sociedade e suas conexões com a nossa vida cotidiana.

A partir do lugar de vivência do aluno, é possível analisar um complexo de relações, que permitirá desenvolver conceitos para melhor compreensão, construção e transformação

desse lugar. É por essa realidade mais próxima, possível de ser captada através da observação orientada, que o aluno poderá entender o lugar onde vive por uma ótica global. Porém, esta capacidade precisa ser estimulada, fazendo com que o aluno, nesse processo de observação, desenvolva noções dos processos sociais e naturais. Da observação do meio, vai-se aos poucos chegando a níveis de abstração mais complexos, procurando construir e organizar este mundo que o rodeia e resolver os problemas que este mundo lhe apresenta, através de suas próprias ações sobre a realidade.

Referências

JÚNIOR, O. **Da minha janela**. Ilustrações Vanina Starkoff. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

PÁDUA, R. F. O habitar como horizonte utópico. **Geosp – Espaço e Tempo** (Online), São Paulo, v. 23, n. 3, p. 478-493, dez. 2019.

QUINTANA, M. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

KOYAANISQATSI. Direção: Godfrey Reggio. Estados Unidos: Island Alive, 1983. 1 DVD (87 min.).

RICO, E.; COELHO, J.; GOUVEIA, L. Coimbra: percursos urbanos e exploração pedagógica. Coimbra: **Cadernos de Geografia**, 1996. Disponível em: https://www.uc.pt/fluc/depgeotur/publicacoes/Cadernos_Geografia/Numeros_publicados/CadGeoNespecial99/artigo14. Acesso em: 10, maio, 2022.

VASCONCELLOS, C. dos S. Metodologia dialética em sala de aula. Brasília: **Revista de Educação AEC**, n. 83, abril de 1992.